

# JORNAL DOS DEBATES

## POLÍTICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por semana ás Quintas feiras. Subscreve-se n'esta Typographia a 100 por trimestre, pagos adiantados.

RIO DE JANEIRO. TYPOGRAPHIA DO DIARIO, DE N. L. VIANNA — RUA DA AJUDA N.º 79.

### RIO DE JANEIRO.

Um grande conflito judiciário elevou-se ultimamente entre o Sr. Ministro da Justiça, e o Sr. Lucio Soares Teixeira de Gouveia, Presidente do Tribunal da Relação do Rio de Janeiro. Vamos expender algumas idéas á semelhante respeito, por isso que julgámos o objecto muito serio, e que pode accarretar tristes consequências para o paiz, e para a independencia dos poderes Constitucionaes. É da atribuição do poder executivo o prover os empregos civis, e políticos, que se acharem vagos, e expedir pela Secretaria de Estado respectiva os Alvarás, e Cartas dos Ofícios de sua nomeação. Aquelles empregos, que não estiverem vagos, mas que entretanto, necessitem de um serventuário, devem ser providos pelas auctoridades, sob cuja jurisdição estiverem recebendo os nomeados as competentes cartas de serventia passadas pelas mesmas auctoridades; como é expresso na Constituição art. 102 § 4.º, e Ley de 22 de Setembro de 1828, art. 2.º § 11.

Pertencia a serventia vitalicia do emprego de Secretario da Relação do Rio de Janeiro á um menor, filho do antigo proprietário Antonio Justino de Brito, e como o Tutor do menor não fez, dentro do prazo de seis meses marcados no § 4.º da Ley de 11 de Outubro de 1827, a nomeação que lhe competia, de serventuário, durante a menoridade do seu pupilo; o Presidente da Relação, usando do direito, que lhe faculta o § 5.º da supra citada Ley, proveniu o dito logar. Mas eis que o Sr. Ministro da Justiça, não se lembrando talvez, que só tinha direito de se ingerir n'este negocio, si accasou estivesse vago o emprego, manda expedir *título de serventia* á um individuo, que lhe apresentava a Tutora do Orfão, á quem pertence a serventia do logar, fóra do prazo marcado pela Lei. O Presidente da Relação fez o que por Ley lhe cumpria; não aceitou o provimento do Ministro; eis d'onde procede o conflito, no qual acreditá-

mos, que toda a razão e justiça estão da parte do Sr. Lucio Soares Teixeira de Gouveia.

Mesmo quando se queira admittir a hypothese, (falsa e illegal) de que a Tutora podia ainda nomear, apesar de haver decorrido o prazo marcado por Ley; era perante o Presidente da Relação, e não perante o Ministro, que ella devia fazer tal nomeação; porque á aquelle, e somente á aquelle competia em tal caso o conhecimento d'este negocio, para expedir-lhe o titulo respectivo.

Ora alem d'isto, devia o Sr. Ministro da Justiça lembrar-se de que um semelhante caso, á respeito da serventia d'esse mesmo emprego, já foi decidido em gráu de REVISTA, sustentando-se a nomeação feita pelo Visconde de Goyanna, que então, como Chanceller, presidia a Relação, e declarando-se por essa *decisão*, ou *Sentença* dimanada de *competente auctoridade*, que ficasse de nem um rigo a nomeação feita pelo então Ministro da Justiça, o Sr. Visconde de Alcantara.

Julgámos, pois, que o Sr. Ministro ultrapassou n'este negocio as suas atribuições, e lesou a independencia judiciaria; e portanto esperamos, que, deixando S. Ex. de parte considerações particulares, finalise tal conflito, cedendo, o direito á quem o tem; e por este novo e legal comportamento se mostrará respeitador das Leys, e dos direitos alheios. —

— Escrevem-nos algumas pessoas de *Vassouras*, queixando-se muito do Juiz de Direito o Sr. D. Manuel de Masearenhas. Um facto acontecido ultimamente é o motivo de taes queixas. O Jury deu a sua sentença sobre um escravo de João Barbosa, que comparecera á barra do Tribunal, acusado de homicídio, e esqueceu-se de diser em que gráu de pena havia o Reo incortido. E o Sr. D. Manuel, sem se lembrar, que faltava a resposta dos Jurados, quanto á esse quizito, condenou o Reo á pena de morte. Appellando o Reo para o Jury do Nietheroy, não quiz o Sr.

Juiz aceitar a apeleração, por ser es- cravo, affirmando, que a Ley de 10 de Junho de 1835 havia tirado o re- curso de apeleração aos Escravos; e concedeu somente o enviar os Aut. los ao Sr. Ministro da Justiça, para decidir, quanto á falta de respos- ta ao quizito, e a condenação en- tretanto lavrada nos Autas pelo Juiz de Direito. Além d'este facto, con- ta que já durante o Juizado de Di- reito do Sr. D. Manuel, outro es- cravo, que havia tentado contra a vi- da de seu Sr., á pouco mais ou me- nos dous annos, tendo sido condenado pelos Jurados, e tambem es- quecendo-se estes de declarar em que gráu de pena, foi votado á morte pelo Sr. Juiz, e como este Sr. acredita- va, que a Ley de 10 de Junho ti- rava todo e qualquer recurso, até mesmo o do poder moderador, con- cedido ao Imperante pela Constitui- ção do Imperio, mandou-o immedia- tamente executar.

Eis aqui o que se nos escreve. A serem verdadeiros ambos os factos, o Sr. D. Manuel é por ambos repre- hensivel. Primeiramente devia-se lem- brar o Sr. D. Manuel, que a Ley de 10 de Junho de 1835, apesar de ser Ley toda excepcional, e de não estar em harmonia com o Código Criminal, não podia de modo algum ferir uma atribuição de um dos poderes do Es- tado, reconhecidos pela Constituição Brasileira, e que portanto de nem- modo podia negar o recurso do per- dão Imperial ao escravo, que o pe- dia, recusando, em virtude d'essa ley, somente a apeleração para outro Jury, ou para a Relação. Em segundo lo- gar, devia-se S. S. também lembrar, que essa Ley, como já dissemos, to- da excepcional, só se pode aplicar aos casos por ella marcados, que são — Tentativa de morte, acompanhada de graves ferimentos, da parte do es- cravo contra a pessoa de seus senho- res, administradores, &c. e que, no caso do escravo de João Barbosa, que havia assassinado um homem extra- no, devia-se aplicar o Código Cri- minal, e dar-se recurso para novo jul- gamento para outro Jury: seguindo- se os termos marcados pelo mesmo

Código, e de nem-uma maneira se achava o escravo compreendido na Lay de 10 de Junho, que unica proíbe tais recursos, concedendo somente o do perdão Imperial.

Eis aqui o que julgamos do nosso dever, declarar sobre pontos de direito em tais questões. Estes pontos de direito são tão salientes, que admira, que se possa desconhecer-los, ou falsificá-los. Não temos a hora de conhecer o Sr. D. Manuel, consagramos-lhe muito respeito em atenção à sua família, entretanto somos forçados, bem à má grado nosso, à publicar esta nossa opinião sobre o seu intelligível e illegal comportamento, como Juiz de Direito da Comarca de Vassouras; agora, quanto ao facto de haver S. S. lavrado as duas mencionadas *condemnações d' morte*, sem que os Jurados, unica auctoridade competente em tal caso, houvessem declarado, em que grau de pena julgavam elles haver o Reo incorrido; sem dúvida, que ao Sr. Ministro da Justiça pertence o seu conhecimento, e à ser verdadeiro; compete-lhe o dar as providencias necessarias, para que não se continue d'esta maneira à violar as Leys.

#### O SR. JOAQUIM DA ROCHA.

Nós esperamos que a Província de Minas Geraes preencha um dos lugares vagos no Senado pela morte de dois dos seus membros, com a nomeação do benemerito ancião o Sr. José Joaquim da Rocha, natural da Cidade de Marianna.

Preconisando a candidatura do Sr. Rocha, nós nos esforçamos em render justiça ao mérito esquecido e mesmo desrespeitado d'este grave Brasileiro. E elle um d'esses raros cidadãos, que tem sabido atravessar os maus dias dos nossos acontecimentos políticos, sem remorsos, e sem mancha, o que não é facil nas revoluções, onde são tantas, e tão rudes as provas, contra que tem de lutar os caracteres.

Membro da Assembléa Constituinte, n'essa época gloria da nossa política emancipação, o Sr. Rocha prestou inúmeros serviços à causa da liberdade nascente, serviços sem estrondo, e sem apparato; mas nem por isso menos importantes e preciosos. A sua modestia, e perfeita independencia à respeito do Príncipe e dos partidos, nunca lhe peamitiram granpear uma d'essas ovações de Theatro, uma d'essas brilhantes nomeadas; que se formam de manhã, e se desvanecem à noite. O unico renome, à que elle aspirou, foi o titulo de *homem de bem*, de servidor leal de seu paiz, o mais duravel e glorioso de todos os titulos.

Bem depressa a Constituinte foi dissolvida: no meio da solemne festa da sua liberdade, o povo Brasileiro viu-se repentinamente dispersado pelo poder arbitrio; as alegrias sucederam as angustias, e o desanimo do porvir. O Sr. José Joaquim da Rocha foi expiar no desterro o crime de haver nobremente servido o seu paiz; foi esta a recompensa do seu patriotismo, a qual elle aceitou com resignação, parecendo até satisfeito de ser a vítima escolhida no sacrifício ....

No fim d'esta quadra da nossa existencia social, tão agitada, tão labiosa, regressaram emlum os illustres desterrados da Constituinte; voltaram á seus patrios lares aquelles mesmos, que o despotismo do Imperador havia arrancado á terra de Santa Cruz, como que para comparecerem então nos funeráres do Imperio do proprio Pedro I. ....

A Regencia Provisoria, levada de excellentes disposições para o mérito, e os serviços, disposições mais que muito passageiras, e que só duram nos primeiros momentos, que sucedem á uma revolução, nomeou o Sr. José Joaquim da Rocha para representar o Brasil na Corte de França, na qualidade de Ministro Plenipotenciário.

Chegado apenas ao logar do seu destino, o novo Enviado foi o alvo de mil intrigas, que lhe suscitava a inveja da sua posição. Mais de uma vez na Corte de França, elle teve occasião de encontrar-se com D. Pedro I., Imperador então sem throno, e sem sceptro... quanto haviam as cousas mudado! Que voltas tinha dado a fortuna!.

Nas suas relações com este Príncipe, o Sr. Rocha portou-se como um perfeito Cavalleiro, o que deu pretexto ás denuncias caluniosas do Sr. Moutinho, e dos seus amigos. E por que? Apesar de haver sido vítima dos maus conselhos do Príncipe, o Sr. Rocha todavia se não persuadia, que um homem honesto devesse jamais insultar á grandeza decahida, e injuriar o infotunio. Elle abandonava a gloria d'essa coragem ao magnifico campeão convertido, que outrora havia rastejado nas anticamaras do Palacio.

O Sr. Rocha neglegenciava defender-se, cuidando, que os serviços feitos na Legião de Paris com honra, intelligencia, e zelo, seriam a melhor resposta ás insinuações dos seus inimigos.

Enganou-se, como de necessidade devia acontecer! O direito e a justiça nuda tem sido para os Governos do Brasil; o patronato, e algumas manobras particulares, são os unicos meios, que tem até aqui elevado as nossas notabilidades. Foi demittido o Sr. Rocha, depois de quatro annos de servi-

ços, deixando honrosas recordações nas duas Cortes, onde residira, *Paris e Roma*.

Regressando de novo ao Rio de Janeiro, elle tem-se dado inteiramente aos trabalhos da advocacia. Athéio ás intrigas da política actual, sem se meter com os partidos, é entretanto estimado e venerado por todas aquellas pessoas, que o conhecem.

Tal é o Cidadão, sobre quem nos chamámos a atenção dos Eleitores Mineiros.

#### VARIÉDADES

Quando todos os Jornais do Brasil se ocupam da nomeação do Regente, cada qual apresentando o candidato, com quem sympathiza, descontinando ao publico as suas qualidades, e as suas opiniões, parece justo o accusar-se o *Jornal dos Debates* por não ter ainda tocado n'este ponto, aliás tão importante para os futuros destinos do Brasil. Mas para que se ingerirá elle n'este negocio? De que lhe servirá o declarar o candidato, cujas idéias politicas estejam em harmonia com as suas? Deixar-se-hão accaso os Eleitores do Brasil, que devem decidir tal questão, levar pelas ideas do Redactor? E' mister possuir-se de muito orgulho, para assim pensar. O Chronista parece decidir-se pelo Sr. Hollanda Cavalcante, o Sete de Abril se declara pelo Sr. Araujo Lima; alguns correspondentes do *Diário do Rio* querem o Sr. Antonio Carlos. Emfim cada um defende o seu predilecto. O *Jornal dos Debates* nada dirá sobre tão importante assunto, e espera que os Eleitores com madureza votem n'aquele dos Candidatos, que em consciencia julgarem mais digno de ocupar tal logar.

— A eleição para um Deputado pela Província de Minas Geraes, pela vaga, que deixou o Sr. Vasconcellos, aceitando a pasta da Justiça, tem continuado lentamente. Quando faltámos a primeira vez sobre isto, o Sr. Dr. Queiroga, Candidato da extrema oposição, tinha uma maioria de 50 votos sobre o Sr. Vasconcellos; e segundo as ultimas notícias, subiu esse numero á mais 44. A Província de Minas, que constantemente havia nomeado seu Deputado á Assembléa Geral do Brasil o Sr. Vasconcellos, parece querer-lhe hoje recusar essa prova de confiança. Havia entretanto na Câmara electiva uma quasi que necessidade da tactica parlamentar do Sr. Vasconcellos, para dirigir os seus mais importantes trabalhos. Porem, como restam por votar 7 Collegios, e a maioria obtida pelo Sr. Queiroga não seja muito superior, esperamos ainda, que a Província de Minas reelegerá o seu velho athleta.

—Acaba de ser publicada a interessante obra de *Silvio Pellico*, intitulada —AS MINHAS PRISÕES— tradusida pelo Sr. João Cândido de Deus e Silva. Desnecessário é tecer encomios à uma obra tal como esta. A Europa inteira a conhece; em todas as línguas foi tradusida. O Sr. Deus e Silva fez um verdadeiro serviço ao paiz, transladando-a para a língua Portuguesa. É o melhor compêndio de moral, que se possa entregar nas mãos da mocidade; é um hymno dedicado à *Religião* por uma alma nobre e pura. Pensamentos da primeira ordem adornam as linhas d'este livro, irmão gêmeo de outro composto pelo mesmo Auctor, e também tradusido pelo Sr. Deus e Silva, sob o título de —DEVERES DO HOMEM— Recomendamos portanto na leitura á todos os Pais de família, e á todos os preceptores.

— No dia 16 de Desembro último faleceu em Paris o Marquez de Taulaté, ex-Encarregado dos negócios do Brasil no Reino de Nápoles.

### UMA AVENTURA EM VENEZA.

Era uma bella noite de luar: sereno estava o céo, e o ar embalado de harmonia e de perfumes; mollémente balançavam as águas do Adriático, movidas por uma branda viração; a lúa espargia seus raios sobre a cupola de S. Marcos e os reflectia sobre o mar; mil gondolas passavam e repassavam, formando com o batido dos remos e o murmurio das estrelas uma musica divina, que acompanhava os canticos dos barqueiros. O povo em multidão se ahalroava na praça de S. Marcos, entrando e sahindo dos bellos cafés que formam um dos sens melhores ornamentos. De quando em quando soavam as horas na campanila, e eram repetidas, como em echo, do outro lado do grande canal em Santa Maria da Saude. Muitos homens e mulheres passeavam com diferentes costumes, e alguns mascarados, circunstancia esta permitida nos nossos dias por ser o tempo do carnaval.

Entretanto, em quanto tudo á roda de mim parecia respirar alegria, em quanto Veneza se engolpava nos prazeres, ao som de diversos instrumentos que tocavam curiosos, eu estava tristemente sentado no pedestal da columna de porfiro, que sustenta o bronzeo leão de S. Marcos; e lançando os olhos sobre o Adriático, que tão pitoresca e eloquente deslissava a meus pés, sujeado por mil ligeiros bateis, e sobre cuja face fulguravam as sombras da columna do

leão, da campanila, da basílica de S. Marcos, do palacio dos doges, da ponte dos suspiros e das prisões de estado, a minha imaginação melancólica me rasgava o painel do passado, dê um passado tão brilhante, tão cheio de gloria, tão cheio de uteis lições.

Patria de bravos, que desde os muros de Padua até os confins da Illyria foste o asylo da liberdade! Templo de heróes, o que te resta de tão nobres sentimentos?... Não é mais Veneza do que o tumulo da gloria, e hoje filhos degenerados e indignos pisam sobre a terra que creára tantos genios!... Então ella parecia tranquilla e alegre, endegotando um sorriso ~~que~~ <sup>que</sup> dos restos de tão grandes palacios que ornam as ribas do Rialto; e era eu quem me entrustecia, e eu na primavera dos annos, na manhã da vida, no tempo das illusões, das crenças e da volubilidade!... Sim, porque eu reconhecia então a analogia da minha idade com a da minha patria; eu estava a duas mil leguas distante d'ella, e a via illudida, a via desconhecendo o caminho da verdadeira liberdade, do progresso e da civilisação; eu notava Veneza nos ultimos arrancos de uma dolorosa vida que devia finar, e temia pelo Brasil uma identica velhice absorvida pelos remorsos, e não se honrando com as coroas da gloria.

Diante de mim saltavam, dansavam e passavam mil mascaras, e o olhar de uma só d'ellas não recalhava sobre mim, que me achava solitario. Quando de todo o meu pensamento longe estava do lugar que recebia a marca de mens passos, senti uma forte pancada no ombro esquerdo; estremeci, e pareci sahir do lethargo que me dominava: era uma mascara que me vinha arrancar aos vôos do sonho, que me vinha interromper o fio de meus pensamentos.

— Que queres? — lhe perguntei eu: — quem procuras?

— A ti mesmo, Signor Forestieri.

— Que queres de mim, bella mascara?

— Vi-te só, procurei-te, e talvez te não arrependas de dár-me alguns momentos de atenção... —

A mascara parecia ser do sexo feminino, porquanto tinha um domino negro que lhe cobria o corpo todo, e uma fita encarnada que lhe trahia as bellas formas do corpo, cerrando-lhe a cintura: um turbante turco ornava-lhe a cabeça, e um caxo de longos cabellos lhe ondulavam nas costas.

— Bravo! — disse comigo, passando da maior melancolia a um — laissez aller — de bastante prazer: — bravo! até aqui me julgava o mais infeliz dos homens; o amor ainda nada tinha querido de mim, e Deus permit-

ta que isto seja alguma deidade de quem eu fiquei amarado, e que me dê sentimentos apaixonados, para poder então com *scienzia da caso bem* descrevê-los. Bravo! — continuei: — isto é alguma aventura galante, e não se diga que eu por elles não passei! Ha tanto tempo desejava uma, para ter que contar — Per Dio! — me diz a pessoa, com quem eu começava já a ~~conversa~~ <sup>habito</sup> conversação, tirando a mascara que lhe occultava as feições: — o sr. Brasileiro me não conhece?

Não sei como deva descrever a minha surpresa, quando reconheci no objecto, que tão galantemente se oferecia á minha vista, a filha do dono do Hotel em que eu me alojava; a bella Laura, ou como dizem os Italianos, Lauretta. Fiquei tanto mais estuprificado, quando reparei na grande distancia que existia entre os ~~homens~~ <sup>habitos</sup> de Venesa e os da minha Patria. O que se diria no Rio de Janeiro, si uma donzella se disfarçasse com falsas, vestes; e se mascarasse, e passasse só pelas ruas?... Entretanto, era Laura uma donzella virtuosa, honesta e honrada. — Pois tu aqui? — repliquei-lhe eu: — o que fazes? — Vim a um baile, onde, si queres te posso conduzir, e assim poderás fazer melhor juizo dos costumes de Venesa. — Pois eu ir assim a um baile sem ser convidado, sem conhecer pessoa alguma?

— Eu te appresentarei: assim como estás, vás admiravelmente; falta-te sómente uma mascara, para melhor poderes gozar de todos os prazeres que oferece tal solemnidade. — Caspita! — disse comigo: — eu appresentado em um baile por uma donzella! E na verdade uma aventura romanesca.

Comprei por duas ~~lyras~~ <sup>lyras</sup> uma mascara, e deixei-me guiar por a bella Laura: no entanto, desejo esboçar-lhe os traços.

As Venesianas são as mais bellas moças que eu tenho visto, e entre todas as Venesianas Laura realçava ~~que~~ <sup>que</sup> sua belleza: ignoro inteiramente a razão porque a natureza espargiu com mais prodigalidade esse ~~que~~ <sup>que</sup> sobre o bello sexo nascido nas costas do Adriatico, do que por exemplo em Florença, Roma, Paris, Bruxellas, Marselha, etc. Mas o facto é este, e consideração alguma, capricho, iná vontade, ou prejuízo, poderão negá-lo. As Venesianas são bellas, e já durante toda a media idade e em todos os paizes, sua formosura era exaltada por os viajores. Laura tinha uma testa alvíssima, cabellos moi negros, dois grandes olhos negros que como anginhos saltavam ~~que~~ <sup>que</sup> os supercilios, um nariz mini delicado, e uns labios que rivalizavam em cor e em dureza com o botão de uma rosa entrebrindo-se ás primeiras lagrimas da Aurora; suas mãos e seus pés eram mo-

detes de bem feito e de subtil, e seu corpo era tão engraçado, tão mimoso, que o mais tenaz dos homens se julgaria vencido.

Deixámos a praça de S. Marcos, e entrando em uma rua, como quem vai a S. João e Paulo, logo ao lado de uma pequena ponte, avistámos um vasto palacio todo em marmore, ás ribas de um canal; ~~como é o~~ ~~quasi todos os~~ ~~de~~ ~~Venesa~~. Entrámos em um vasto salão, ríeamente mobilhado e curvado sob o peso de mais de quatrocentas pessoas de ambos os sexos, que ali estavam. A musica echoava e as danças se preparavam. Muitos creados de servir, trazendo grandes bandejas de doce e mil diferentes refrescos, ofereciam aos convidados, que por maior parte estavam disfarçados. Vests Turcas, Polacas, Chinas, Indias, Peruanas, selvagens, Romanas, Israelitas e da medida idade, eram as principaes metamorphoses.

— Desgraçado o paiz em que com tanto fogo se dansa! — disse eu à minha companheira, que me não deixava e me mostrava com tanta amabilidade o que havia de curioso no salão. — Em quanto os pés saltam, choram ás vezes os filhos em casa, pedindo com lagrimas de sangue dinheiro para comprar pão com que saciem a fome, o dinheiro que se gastou no vestido e nos sapatos, nas joias e no collar, para parecer-se rico entre os ricos, brilhante no meio das bellas! —

— Não tens razão, — me respondeu ella: — sem saber dançar, nada se aprende; sem desenvolver o corpo, não se pôde desenvolver a alma; e para te provar que nos bailes se encontra muita gente que não tem as más qualidades que apontas ali tens aquella sara, que parece ter percorrido já quarenta janeiros; ella vem com a companheira que tem ao lado, aos bailes, sómente para chorar.

— Para chorar vir aos bailes! — exclamei eu, rindo-me com toda a força.

— Sim, continua Laura; ella tinha um filho que muito amava; é descendente de uma das mais nobres familias da velha república, da familia Barberini inscripta no livro d'ouro que conta quatro Doges, um Papa e tres Cardeas entre seus membros. Este filho amava muito os bailes, e n'elles se encontrava sempre com Luiza, a mais bella donzella do seu tempo, da nobre familia Zeno. O amor os prendeu, e seus parentes se propozeram a unilhos á face da igreja. Desgraçadamente na vespera de seu casamento, algum motivo se elevou em Venesa, e apareceram gritos sediciosos contra o poder da Austria. Ordens de prisão se lançaram imediatamente contra os que se diziam authores, e entre estes figurava Fernando Barberini, o

amante de Luiza Zeno. A Austria, essa hydra feroz que sobre a infeliz Venesa se lançou, essa ave carnívora que lhe tem devorado seus melhores filhos, que a tem envilecido, escravizado, e torturado; a Austria, traidora e sanguinaria senhora, condenou o infeliz a 20 annos de prisão nas masmorras de Spielberg, onde também fizeram os celebres poetas italianos, Silvio Pellico e Marotcello Envião luctou Fernando contra o ar empestado da prisão, as más comidas, os bichos que rasgavam-lhe o corpo, e a falta de ar: o infeliz exrou no fim de seis annos.... Infeliz mãe! triste amante.... Desde esse tempo, ambas se vestiram de luto e continuamente assim andão. Vão ambas a todos os bailes, como por penitencia, sómente para chorar: observando os prazeres que amava Fernando, vendo os logares testemunhas dos seus suspiros amorosos, as lagrimas rolam de suas palpebras e se precipitam através das faces.

— Que bella penitencia! Bem parece lembrança feminina! — Respondi eu.

Entretanto, aproximando-me das duas senhoras, que estavam vestidas de preto, e tristemente sentadas em um canto do salão, notei que na verdade choravam, e uma lagrima também me caiu imperceptivelmente dos olhos, lembrando-me de um paiz e de uma mãe, que, durante a minha ausencia da patria, tinham baixado á sepultura...

Eram quatro horas da manhã, e todos se preparavam a deixar o baile: eu ofereci o meu braço á bella Laura, e, acompanhados por sua mãe e irmãos, que também estavam no baile, e por alguns estrangeiros mais, chegamos á casa.

No dia seguinte visitei as prisões da inquisição, que estão por baixo do palacio dos Doges, e lá remexendo entre os nomes dos infelizes prisioneiros victimas do despotismo austriaco, achei o de Fernando Barberini.

P. S.

#### CORRESPONDENCIAS.

#### CONCURSO DA ESCOLA DE MEDICINA.

No dia 6 do corrente teve lugar a prova oral do concurso para a cadeira de operações da Escola de Medicina. Os dois Substitutos, os Srs. Doctores Cândido Borges, e José Mauricio apresentaram-se como candidatos; o Sr. Dr. Borges mostrou uma vasta erudição, um conhecimento profundo sobre o ponto do concurso, reunindo uma grande facilidade de exprimir-se; qualidade não menos importante para quem se destina ao Ma-

gisterio. O auditorio pareceu encher-se de prazer, e applaudir o Joven candidato, que tanto honra a nossa Escola de Medicina. Todos reconhecem no Sr. Dr. José Mauricio talento e saber, mas infelizmente o seu mau estado de saúde, a debilidade de sua voz não lhe permittiram que elle completasse a hora; entretanto não se pode negar que elle possua as qualidades necessarias para ser Professor, e teria obtido a Cadeira, se uma serie de circunstancias não tivessem habilitado mais o seu competidor na Scienzia Cirurgica.

Um Aluno.

#### MAIS OUTRA INSURREIÇÃO!!!

As desgraças não cessam de desfaz-se sobre este desdito Brasil; aos desastres succedem os desastres; depois das revoltas do Rio Grande, e Bahia, parecia que a tormenta revolucionaria ia enfim esgotar-se, mas eis que uma nova rebellião acaba de rebentar na Legação de Paris; o seu chefe, o Sr. Moutinho proclamou-se livre, e independente, e começou as hostilidades, recusando dar posse ao Enviado da legalidade, o Sr. Macedo, que o fora substituir. Tem já corrido de um lado, e d'outro torrentes de.... tinta em *successo vario*, e as cousas conservavam-se no mesmo estado, á sabida do Paquete. Dissem que o chefe Rebelde endereçara uma circular ao corpo diplomático Brasileiro, reclamando o *casus faderis*, e protestando não acquiescer á condição alguma de paz, sem que primeiro fosse restituído ao estado *ante bellum*. O que hade ser de nós! estamos todos perdidos, si a Providencia Divina nos não ampara n'esta difícil conjunctura!!!

Consta que o Governo querendo atalhar na sua nascente os progressos da rebellião, expedira já ordens á casa de Samuel & Philipp para pôr em um *bloqueio* rigoroso as algibeiras insurgidas. Espera-se que este meio será bastante para restabelecer a ordem, e salvar a integridade da Diplomacia. Como está ruguento o Sr. Moutinho! safa!!!! O Legalista.

#### AVISO.

Roga-se aos Srs. Subscriptores, a quem não fossem entregues alguns ns. d'este Jornal, falta esta devida aos antigos entregadores, hajam de os mandar reclamar n'esta Typographia. D'ovante se lhes afflancia prompta e regular entrega.